



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

A DUPLICIDADE DA *TRAUMDEUTUNG*, DE FREUD E A *TRAUMNOVELLE*, DE SCHNITZLER: POR ENTRE O SONHO E A PSIQUE.

Felipe Felix de Jesus

Rio de Janeiro
2023

FELIPE FELIX DE JESUS

A DUPLICIDADE DA *TRAUMDEUTUNG*, DE FREUD E A *TRAUMNOVELLE*, DE
SCHNITZLER: POR ENTRE OS SONHOS E A PSIQUE.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação Português/
Alemão.

Orientadora: Prof^a Dr^a Érica Schlude Wels

RIO DE JANEIRO
2023

CIP - Catalogação na Publicação

J58d Jesus, Felipe Felix de
A Duplicidade da Traumdeutung, de Freud e a
Traumnovelle, de Schnitzler: por entre os sonhos e
a psique. / Felipe Felix de Jesus. -- Rio de
Janeiro, 2023.
49 f.

Orientadora: Érica Schlude Wels.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Alemão, 2023.

1. Psicanálise. 2. Sonhos. 3. Inconsciente. I.
Wels, Érica Schlude, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado paciência, fôlego e sabedoria para concluir esta etapa em minha vida. Foram dias e noites de muitos estudos e trabalhos. Durante o progresso me deparei com algumas desmotivações, mas decidi erguer a cabeça e seguir em frente. No final das contas todo o esforço investido valeu a pena.

Agora, gostaria de expressar minha eterna gratidão a minha graciosa e querida mãe Isabel Felix e ao meu querido pai Luiz Carlos (*in memoriam*). Agradeço a eles por todo apoio e suporte na minha educação. Meus pais sempre serão as peças fundamentais na minha vida. Este trabalho é uma forma de agradecimento a eles por todo este apoio condicional. Deixo também registrado aqui um agradecimento especial aos meus queridos irmãos Simone e Leandro, por todo o suporte durante a graduação. Amo todos vocês.

As outras duas pessoas que gostaria de expressar a minha gratidão, são aos meus amigos Raquel Bandeira e Paulo Vinícius Ribeiro. Primeiramente, a Raquel que nos últimos momentos ofereceu bastante suporte e conselhos para a conclusão deste trabalho. Ao, Paulo Vinícius por todo apoio e conversas que me distraíam bastante. Adoro vocês.

Não posso me esquecer, também, dos amigos que fiz durante a graduação que são pessoas de muita luz, deixo um grandioso abraço para Allan, Ananda, Savanna, Gabrielle, Luana, João, Renato e Marcela. Vocês são demais.

Por último, e importante, pois sem a ajuda dessa pessoa, este trabalho não teria ganhado vida, agradeço honrosamente à Professora Érica, por ter me guiado durante todo este período que me dediquei a este trabalho. Todas as orientações e conversas valeram muito a pena. É um aprendizado que levarei comigo em minha bagagem. Muito obrigado.

A jornada na universidade pode ter sido longa e exaustiva, mas foram anos de muito aprendizado e descobertas.

*“Today is the last day that I'm using words
They've gone out, lost their meaning
Don't function anymore
Traveling,
Leaving logic and reason
Traveling,
To the arms of unconsciousness.”*

(Madonna, *Bedtime Story*, 1994)

RESUMO

Primeiramente, os sonhos e o duplo são os elementos fundamentais para a compreensão deste trabalho. Neste presente estudo analisamos a relação entre os austríacos Sigmund Freud e Arthur Schnitzler, com base nas ideias teóricas das obras “Freud & Schnitzler: Sonho Sujeito ao Olhar” (2007), de Tavares e “O Duplo” (1925), de Rank. Ademais, propomos diálogos entre as respectivas obras *Traumdeutung* (1900) escrita por Freud, e *Traumnovelle* (1926), de Schnitzler. Em síntese, por mais que Freud e Schnitzler abordam sobre os sonhos em suas obras, os autores apresentam opiniões distintas para esta temática.

PALAVRAS-CHAVE: duplo; Psicanálise; sonhos; Inconsciente.

ABSTRACT

Firstly, dreams and the double are the fundamental elements to understand this paper. In this present study we analyze the relationship between the Austrians Sigmund Freud and Arthur Schnitzler, based on the theoretical concepts of the works "Freud & Schnitzler: Sonho Sujeito ao Olhar" (2007) by Tavares and "O Duplo" (1925) by Rank. Furthermore, we propose dialogues between the respective writings *Traumdeutung* (1900) written by Freud and Schnitzler's *Traumnovelle* (1926). In conclusion, as much as Freud and Schnitzler deal with dreams in their writings, the authors express different opinions on this subject matter.

KEYWORDS: double; Psychoanalysis; dreams; Unconscious.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Arthur Schnitzler	13
Figura 2 - <i>Eisbergmodell</i> Freud	16
Figura 3 - Sigmund Freud	18
Figura 4 - Duplicidade na <i>Traumnovelle</i>	28
Figura 5 - Primeira Estrutura do Sistema Psíquico	34
Figura 6 - Segunda Estrutura do Sistema Psíquico	34
Figura 7 - Terceira Estrutura do Sistema Psíquico	35

SUMÁRIO

1.	Introdução	10
2.	Arthur Schnitzler, o <i>Doktor Dichter</i>	12
3.	Freud: breves aspectos biográficos	15
4.	<i>Doppelgänger</i>, duplos: a relação entre Freud e Schnitzler	19
5.	A <i>Traumnovelle</i> (1926): os sonhos de Schnitzler	25
6.	A <i>Traumdeutung</i> (1900): os sonhos de Freud	32
	6.1 Os Diálogos entre a <i>Traumdeutung</i> (1900) e a <i>Traumnovelle</i> (1926)	37
7.	Considerações Finais	41
8.	Referências bibliográficas	43
	8.1 Filmografia	44
9.	Anexos	46
	9.1 Carta de Freud a Schnitzler	46
	9.2 Relato de sonho de Albertine	47
	9.3 Relato de sonho: “A Injeção de Irma”, por Freud	50

1. Introdução

As seguintes páginas deste presente trabalho buscarão entrelaçar os fatos sobre a trajetória de vida dos austríacos Sigmund Freud e Arthur Schnitzler. Conforme afirma Tavares (2007, p. 41): “Ambos os autores terão seus textos ou aspectos biográficos tomados, em princípio, como ficção como uma espécie de *ficção teórica*.” Sendo assim, será exposto, também, um diálogo entre as obras *Traumdeutung* (1900) e *Traumnovelle* (1926).

A presença de Freud no cenário científico continua sendo uma das mais ilustres até a atualidade. Segundo Tavares (2007), o psicanalista apresenta uma certa relação com a literatura. Suas teorias apresentam uma forma diferente em como devemos enxergar o nosso próprio interior. Com um perfil pesquisador e investigador, ele fundamenta a Psicanálise, onde utilizamos da fala para nos curar dos males internos. Ao contrário, Arthur Schnitzler, por mais que seu nome não tenha o peso de Freud, o nosso “doutor poeta” tem a sua grande importância dentro da literatura alemã e no cenário vienense. Seus dramas buscam narrar a decadência do inconsciente dos personagens. Além disso, ele utiliza da melancolia e do erotismo para compor os seus trabalhos. Entretanto, assim como Freud, Schnitzler foi bastante controverso e polêmico.

Privilegiaremos aqui um relato de caso de Freud e uma novela de Schnitzler pela melhor adequação à investigação da manifestação do sujeito numa narrativa que expõe as personagens em meio a sonhos e devaneios. Procuraremos ver de que forma, na apresentação desses sonhos e fantasias aparece uma nova concepção e tratamento da noção de subjetividade. Faz-se mister, portanto, investigar onde se cruzam e onde se afastam as narrativas dos escritores do(s) sonho(s); do autor da *Traumnovelle* e do da *Traumdeutung*. (TAVARES, 2007, p, 42)

Em um momento da vida, o caminho de Freud e Schnitzler se cruzaram, e isso acabou gerando uma discussão amistosa sobre as suas diferentes formas de pensar sobre os saberes psicanalíticos. O presente trabalho buscará mostrar o diálogo entre a Psicanálise e a Literatura de uma forma abrangente. Através da obra de Tavares¹ (2007) iremos investigar a relação entre Freud e Schnitzler. O “Pai da Psicanálise” reconhecia o “*Doktor Dichter*” como o seu “*Doppelgänger*”. Para compreendermos melhor sobre a temática do duplo, iremos nos aprofundar nas palavras de Otto Rank² (1925).

¹ Pedro Heliodoro M.B. Tavares (UFSC) - É psicólogo, psicanalista e literato-germanista.

² Otto Rank (1884 - 1939) - Foi um escritor e psicanalista austríaco.

Autor de diversas histórias envolventes, Schnitzler nos apresenta a *Traumnovelle* (1926), onde presenciamos um embate entre acontecimentos reais e oníricos. Repleta de simbolismos, nesta “novela dos sonhos”, após descobrir uma suposta traição de sua esposa, o jovem Fridolin decide se aventurar pelas ruas da Viena boêmia. Por fim, a obra escrita por Freud é tida como a obra da virada do século. Na *Traumdeutung* (1900), o psicanalista reformula a maneira em como devemos interpretar os sonhos. É um dos trabalhos mais brilhantes e significativos do acervo de Freud.

Portanto, o diálogo sadio e indireto entre as obras *Traumdeutung* (1900), de Freud, e a *Traumnovelle* (1926), de Schnitzler, nos direciona a um grande mergulho no mundo onírico, para a descoberta dos desejos e sintomas internos da alma. Nesta perspectiva, o presente trabalho buscará reunir de uma forma recíproca os fatos e dados dos autores austríacos e suas respectivas obras.

2. Arthur Schnitzler, o *Doktor-Dichter*

De médico bem sucedido a um dramaturgo peculiarmente sensível e controverso. É o que podemos dizer sobre a vida de Arthur Schnitzler (1862-1931), que é um dos principais representantes da Modernidade Vienense na literatura. Através de seus escritos, Schnitzler buscou discursar sobre as feridas da alma humana e do cotidiano da *jung Wien* no final do século XIX. Apesar de sua estréia na carreira como escritor ter sido um pouco tardia, ele obteve uma admirável reputação no campo literário vienense.

Concebido em uma família de judeus exilados na Áustria e filho de um famoso otorrinolaringologista, Schnitzler começou a se interessar pela escrita durante a sua mocidade. Romântico em série e apaixonado pela arte de escrever, o *Doktor Dichter* antes de ingressar no curso de medicina na Universidade de Viena, compôs uma série de novelas e romances consideradas importantes para a literatura em língua alemã. Podemos destacar obras como *Senhorita Else* (1918), *Anatol* (1892), *A Canção de Amor da Bailarina* (1895), *O Tenente Gustl* (1900), entre outras obras. Sendo esta última obra citada, de acordo com Gay (2002, p. 85) “um impressionante monólogo de fluxo de consciência, dão prova de seu desprezo pelo duelo.” Suas obras transitam entre o erotismo e a tristeza mental profunda. Além disso, suas obras também retratam o cotidiano da Viena burguesa da “*Frühe Moderne*.”

Conforme afirma Tavares (2007), a vocação de Schnitzler estava voltada para a Arte e não para a Ciência. Logo após concluir o curso de medicina, ele trabalhou como diretor hospitalar da *Allgemeines Krankenhaus der Stadt Wien* e, mais tarde, inaugurou sua própria clínica, onde trabalhou por pouco tempo. Após o falecimento de seu pai, Schnitzler decidiu de vez abandonar o jaleco e se aprofundar na carreira de escritor. “Seus escritos são por ele ainda considerados meros diletantismos, ainda que já tenha com eles ganhado mais fama como escritor do que tinha como médico.” (TAVARES, 2007, p. 81).

Todavia, mesmo com um dom inegável para a escrita e com a forma de pensar à frente do seu tempo, o início da carreira de Schnitzler como literato não foi uma das mais prestigiadas. Suas obras possuíam elementos controversos para os olhares conservadores da época; e isso fez com que ele sofresse boicotes em relação aos seus trabalhos. A peça *A Ronda* (1900) é um perfeito exemplo que podemos destacar como uma das obras mais polêmicas localizadas em seu acervo. Escrita no ano de 1897 e publicada no ano de 1900, a

história de *A Ronda* narra a história de um grupo de pessoas de classes sociais diferentes, que são ligadas através do coito e do diálogo. No ano de 1920, durante a estréia, a peça gerou um grande escândalo em Viena, e acabou sendo banida dos teatros. Como defende Otto Maria Carpeaux (2013, p. 179):

As experiências o predestinavam para o naturalismo de analista implacável da vida sexual. A mentalidade da época encaminhou-o para a psicologia. Observador atento e irônico de caracteres, costumes e destinos, nunca sacrificou sua literatura às vagezas do Simbolismo; e sua piedade humanitária de médico agnóstico protegeu-o contra o esteticismo.

Apesar de não ter envolvimento direto com os fundamentos da Psicanálise, as obras de Schnitzler traduzem de modo brando e acanhado, o propósito da ciência fundada por Sigmund Freud. Mesmo que discretamente, e sem pretensões, Schnitzler concentrou as idéias psicanalíticas na formação dos processos psicológicos de seus personagens; fazendo com que o leitor procure compreender o que de fato levou certo personagem a chegar a um certo ponto crítico da vida. Nas obras do *Doktor Dichter* o foco sempre será no que acontece dentro do psicológico (Inconsciente), excluindo as relações patológicas.

Em Schnitzler, o olhar clínico faz corpo em sua escrita. Mesmo após o abandono de sua prática clínica, a medicina continua presente em suas ficções. Não somente o sofrimento aparece em seus pacientes, como na grande maioria de seus contos e dramas, surge em personagens médicos. Estes, longe da obviedade de serem românticos heróis salvadores, vão sempre trazer alguns aspectos de insuficiência, insatisfação ou impotência diante da vida, da morte, da sexualidade e da cura. (TAVARES, 2007, p. 94)

Os personagens criados por Schnitzler trazem com frequência dentro de si um sentimento de angústia, medo e mal-estar. O universo onírico é bastante presente em suas obras, sintetizado na mistura entre sonho *versus* realidade. Segundo Tavares (2007) os personagens que passam por essa experiência onírica não conseguem se curar do mal que os assola. E todo o mal gerado na psiquê desses personagens acaba, por fim, afetando a sua vida pessoal.

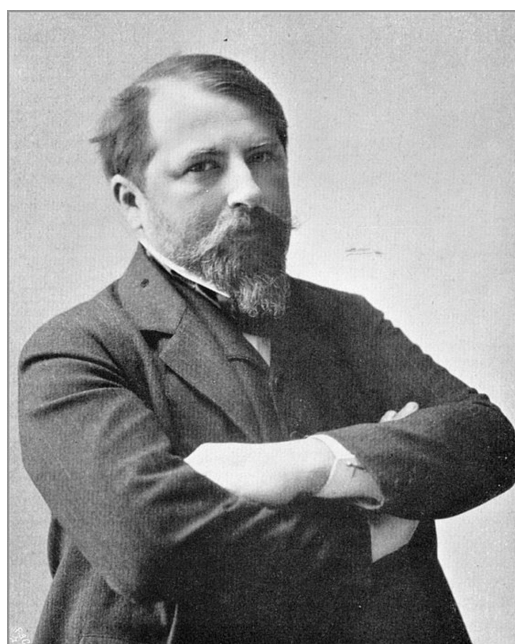
Além de acompanharmos a predominância de tons melancólicos e apaixonados na galeria de personagens, um outro aspecto que podemos encontrar nas obras do escritor austríaco é a presença da figura da *süsse Mädel* ou “doce menina”. Mas o que de fato descreveria essa “doce menina” em suas obras? Trata-se de uma personagem frágil e indefesa, moradora dos subúrbios vienenses, frequentemente de origem humilde e que se aventuram por entre idílios com os homens da alta sociedade. Esse tipo de relacionamento, que reflete uma

moral sexual dupla, com o matrimônio monogâmico como modelo, era bastante comum na sociedade vienense do século XIX. Certamente, isso acabou influenciando nas obras do *Doktor Dichter*.

Com seu universo temático focado nas diversas nuances do amor e da morte, as obras de Schnitzler acabaram despertando a atenção do conterrâneo Sigmund Freud. A relação entre eles era amigável. Freud o considerava seu *Doppelgänger*, isto é, uma espécie de “duplo”, já que ambos possuíam traços biográficos em comum. Esta relação entre eles será retratada com mais detalhes no capítulo III deste trabalho.

Desse modo, mesmo sem se deixar influenciar diretamente pela Psicanálise, alguns de seus mais caros pressupostos, tais como a importância, mencionada anteriormente, do mundo onírico, sintetizado na máxima de que os sonhos são a via régia do inconsciente, ou sua crença nos poderes de Eros e no interesse pela sexualidade - marcam presença na ficção de Arthur Schnitzler. Uma das provas mais contundentes dessa constatação é justamente o fascínio de Freud pelo universo de Schnitzler. O presente trabalho, além de explorar a relação Freud e Schnitzler, tem como foco o estudo da novela *Breve Romance de Sonho* (1926) e seu diálogo com uma das obras mais conhecidas e relevantes de Freud, *A Interpretação dos Sonhos* (1900).

Figura 1 - Arthur Schnitzler



3. Freud: Breves aspectos Biográficos

Muitos afirmam que Sigmund Freud foi um homem à frente do seu tempo. Com o desenvolvimento da Psicanálise, através do trabalho clínico, estudos e pesquisas, Freud tornou-se um dos nomes mais ilustres do século XX. Ao longo de sua carreira, ele interessou-se por assuntos que eram tabu para a época. Neste capítulo, iremos nos restringir apenas aos principais dados biográficos do psicanalista, a partir da virada do século até os primeiros anos do século XX.

A vida de Sigmund Freud foi um evento que marcou a história da humanidade. Ele descobriu que o homem é regido por forças que escapam à consciência, algo de que o ser humano tanto se gaba para diferenciar seu gênero de todas as espécies animais e que, no entanto, é apenas a ponta de um imenso iceberg chamado inconsciente. (JORGE e FERREIRA, 2010, p. 5)

Muitas das teorias freudianas seguem sendo estudadas até os tempos atuais por diversos especialistas, em diversos países. Por possuir um traço de investigador, o seu principal objetivo em vida sempre foi compreender o psiquismo humano (tomemos a etimologia da palavra “Psicanálise”: análise da psiquê), a fim de minimizar os padecimentos de seus pacientes e compartilhar suas hipóteses com a comunidade científica da época.

De ascendência judaica, o jovem austríaco Sigismund Schlomo Freud (1856-1939), desde cedo dedicou-se aos estudos e às leituras. Por ter um grande apreço a sua educação, Freud passava diversas horas lendo livros e estudando idiomas estrangeiros. E isso, de fato, acabou levando-o para um caminho promissor. Ao ingressar na Universidade de Viena em 1873 para cursar medicina, tendo permanecido na Instituição até o ano de 1881, Freud dedicou-se também à Filosofia e à Zoologia. E como o seu intuito era entender a mente humana, decidiu especializar-se em Psiquiatria. Toda a bagagem acumulada ao longo dos estudos foi fundamental para a construção da Psicanálise.

Mesmo que essa segurança de que teria uma carreira ilustre pela frente já se evidenciasse no jovem Sigmund, sua opção pela carreira médica não se deu por livre de conflitos. Suas paixões, desde jovem, pelas Ciências de Espírito (*Geist-Wissenschaften*), bem como pelas obras de ficção, de forma alguma podem ser consideradas. (TAVARES, 2002, p. 77)

Os caminhos para a descoberta da Psicanálise começaram a ganhar forma, quando Freud viajou à Paris, com o intuito em realizar um estágio de pesquisa junto ao Professor

Jean-Martin Charcot (1825-1893), dedicando-se ao uso da hipnose para o tratamento da histeria. De acordo com Tavares (2002, p.79), "apesar da eficiência parcial apresentada da hipnose, este vai se mostrar essencial contribuição para o surgimento do conceito freudiano de inconsciente, sobre o qual virá se formar a Doutrina Psicanalítica." Retornando à Viena, Freud começou a pesquisar incansavelmente sobre a questão do inconsciente e do recalque. E foi através de uma parceria com o Professor Joseph Breuer (1842-1925) que Freud começou a inovar a ciência com o tratamento da fala, isto é, a Psicanálise. Tudo isso se deve à contribuição da paciente Bertha Pappenheim (1859-1936), que na literatura psicanalítica é conhecida pelo pseudônimo de *Anna O.*; sendo o primeiro caso clínico, e também um dos mais famosos. No ano de 1895, Breuer e Freud em uma parceria, publicam *Estudos sobre a Histeria*.

O método de tratamento pela fala, quando saído estatuto da ab-reação para a associação livre, deixa de ter um caráter de expurgação dos sintomas tal como os remédios e as cirurgias faziam com os males orgânicos ou os exorcismos como males espirituais, para se preocupar com os sentidos dados ou ligados às experiências. A fala tem uma função menos de exorcismo do que de implicação simbólica, de elaboração, de uma sucessiva construção e desconstrução de sentidos de realidade, no sentido de uma ressignificação ou des-significação subjetiva. (TAVARES, 2002, p. 80)

Na virada do século, no ano de 1900, Freud decidiu publicar aquela que é considerada sua *opus-magnum*: *A Interpretação dos Sonhos* (em alemão *Traumdeutung*). Na obra, temos a visão psicanalítica acerca da sintaxe e semântica oníricas, sobretudo o trabalho dos resquícios da vida em vigília, transformados em material inconsciente. É a obra que de fato inaugura a Psicanálise para o mundo. Durante um período de cinco anos (1900-1905) Freud seguiu, publicando obras de grande importância para a área, tais como: *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) e *Os Chistes e sua relação com o Inconsciente* (1905).

Nos seus seguintes trabalhos, o “Pai da Psicanálise” desenvolveu a sua compreensão do aparelho psíquico, regido por conceitos basilares, tais como: *Complexo de Édipo* e *O Inquietante* (*Das Unheimliche*). Cada uma dessas teorias atuam dentro de um mesmo *topos*, o Inconsciente. Em linhas gerais, no *Complexo de Édipo*, temos a disputa entre pai e filho, onde o filho sente ciúme da relação entre sua mãe e seu pai; o filho, ao tentar tomar o lugar do pai, toma-o como rival, mas é impedido através do processo de castração. Esta teoria foi inspirada na emblemática tragédia grega *Édipo Rei*, escrita por Sófocles (497 - 406 a.C.). E por fim, temos “*O Inquietante*” (*Das Unheimliche*), um conceito criado por Freud para designar

resquícios de traumas inconscientes, mas que surgem na vida cotidiana, causando pânico, desconforto e terror no indivíduo.

Podemos mencionar, também, a *Metáfora do Iceberg* que é um esquema idealizado por Freud, no qual ele utiliza o *iceberg*, representado na imagem seguinte (figura 2), como uma representação metafórica do nosso aparelho psíquico. Exemplificando, o funcionamento deste esquema é formulado da seguinte forma: no topo do *iceberg* é onde a nossa consciência habita, já na parte inferior é onde está localizado o nosso “*Inconsciente*”. Há ainda o pré-consciente localizado no centro do *iceberg*, “lugar” onde alguns pensamentos estão sublimados, mas não reprimidos. Em tese, temos apenas acesso à parte superior deste *iceberg*, onde nós temos o controle e conhecimento de nossa personalidade, por fim, na parte inferior é onde ficam armazenados conteúdos desconhecidos (traumas, recalques, desejos, etc).

Figura 2 - Eisbergmodell Freud

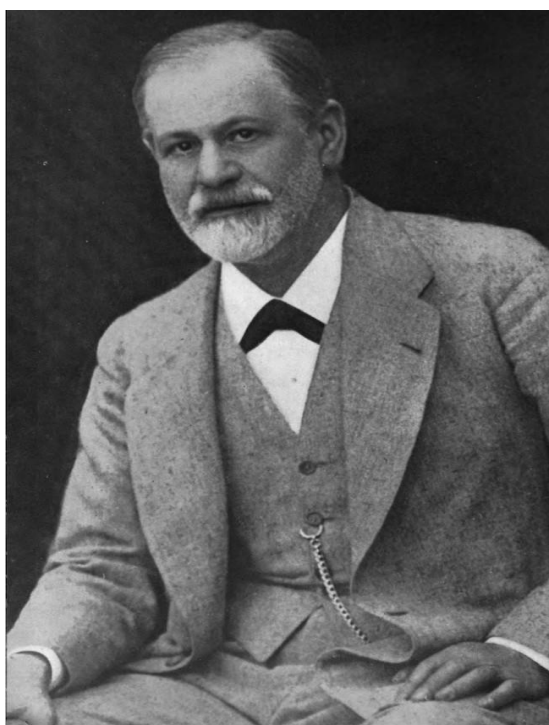


Fonte: Studyflix. Disponível em: <<https://studyflix.de/biologie/eisbergmodell-2693>> Acessado em 02 de janeiro de 2023.

Com o progresso das pesquisas, de acordo com Freud (1915), a nossa personalidade é representada por três estruturas: *Es*, *Ich* e *Über-ich*. O *Es* (*Id*) é composto por energias (pulsões), é a parte primitiva e instintiva. Já o *Ich* (*Ego*), o nosso eu, é o que busca equilíbrio entre as outras duas instâncias da estrutura. Por fim, o *Über-ich* (*Super-ego*) é parte que forma o desenvolvimento social e cultural do indivíduo, equivalente à censura.

Com a descoberta da Psicanálise, Freud nos apresentou teorias de como o nosso aparelho psíquico trabalha. E com o afloramento da *Traumdeutung* (1900), temos uma percepção em como as estruturas oníricas podem estar repletas de simbolismos e, muitos desses materiais podem dizer muito sobre a nossa personalidade. Entretanto, no capítulo seguinte dissertaremos sobre a relação entre Freud e o escritor austríaco Arthur Schnitzler, e por que o Pai da Psicanálise o considerava um *Doktor-Dichter*, isto é, seu *Doppelgänger*.

Figura 3 - Sigmund Freud



Fonte: The Victorian Web. Disponível em: <[Sigmund Freud: An Annotated Chronology, 1856-1939](https://www.victorianweb.org/psychology/freud.html)
([victorianweb.org](https://www.victorianweb.org))> Acessado em 12 de janeiro de 2023.

4. *Doppelgänger, duplos: a relação entre Freud & Schnitzler*

Deparar-se com uma pessoa com os mesmos traços físicos e comportamentais semelhantes aos seus pode ser incômodo e amedrontador. A teoria do *Doppelgänger* é um tema bastante explorado nos campos literário e cinematográfico. Nossas idéias partem das obras de Otto Rank “O Duplo” (1925), e “Freud & Schnitzler: Sonho Sujeito ao Olhar” (2007) de Pedro Heliodoro Tavares. Neste capítulo, apresentaremos um breve recorte sobre a temática do duplo. E, além disso, iremos analisar a relação entre os austríacos Sigmund Freud e Arthur Schnitzler.

Deve-se esclarecer, com isso, como todos esses temas, que provêm da pré-história da humanidade e retornam a ideias primitivas, ganharam uma forma poética em alguns escritores que se preocupavam especialmente com o assunto. Eles coincidem em alto grau com o significado primitivo desses motivos, mais tarde obscurecidos. Em última instância, retomam o problema essencial do Eu — o que o adaptador moderno, apoiado ou forçado pela nova tecnologia de representação, coloca de forma tão clara no primeiro plano e assim deixa falar uma tão expressiva linguagem imagética. (RANK, [1925] 2014, p. 9)

Antes de prosseguirmos com a conexão entre Freud e Schnitzler, que são núcleos principais deste presente trabalho, abordaremos brevemente sobre a teoria do “*Doppelgänger*”. Conforme afirma Rank (1925) os reflexos em espelhos, a sombra, a alma e as fotografias servem como uma personificação do duplo. Os povos primitivos acreditavam que a sombra era a reprodução de um outro ser além do nosso Eu. O termo “*Doppelgänger*”, que advém desta teoria enigmática, vem de origem alemã e pode ser traduzida como “duplo andante”, ou apenas como “duplo”. A aparição de um duplo pode colocar o nosso Eu em estado de alerta, gerando uma sensação de desconforto. Em algumas culturas, avistar um indivíduo idêntico a você é sinal de mau presságio.

Na obra “O Duplo” (1925) Otto Rank aborda detalhadamente o tema da duplicidade, indo das crenças populares dos povos primitivos à literatura e cinema. Segundo algumas informações das pesquisas de Rank, o tema do duplo teve seu surgimento através das crenças de povos antigos, que acreditavam que as sombras eram um outro ser além deles. E isso acabava gerando um desconforto nas pessoas. Em algumas regiões da Alemanha e da Áustria, acreditavam que as sombras são como um ser superprotetor que acompanha o nosso corpo. As diversas superstições relacionadas às sombras, estão ligadas a uma ação que amedronta a

muitas pessoas: a morte. Vejamos a seguir um trecho onde Rank ([1925] 2014, p. 42) explica sobre essas crendices relacionadas a sombra:

É um costume muito difundido na Áustria, em toda a Alemanha e também entre os países eslavos meridionais, realizar, nas vésperas do Ano Novo e do Natal, o seguinte teste: aquele que, com o acender da luz, não fizer sombra na parede do quarto ou cuja sombra não tiver cabeça, morrerá em um ano. Algo semelhante existe entre os judeus, relacionado àquele que, na sétima noite da festa de Pentecostes, caminhar sob o luar: se sua sombra não tiver cabeça, morrerá no mesmo ano. Em algumas aldeias alemãs, pisar na própria sombra é sinal de morte. Em oposição à crença da ausência de sombra causadora da morte, uma outra superstição alemã diz: quem ver sua sombra duplicada, durante as doze noites santas, morrerá.

Continuando, a relação das sombras como uma personificação do duplo é verídica. E conforme afirma Rank ([1925] 2014, p. 44): “A saúde das pessoas também estava relacionada à sombra. Alguns povos levam ainda hoje seus enfermos ao sol para atrair de volta, com sua sombra, a alma prestes a partir”. Por aqui podemos tirar a conclusão de que a sombra é a protetora do nosso corpo/Eu. A sombra também pode servir como um condutor a reencarnação, como podemos ver no trecho a seguir: “Na Índia Central, onde esse medo é generalizado, as mulheres grávidas evitam contato com a sombra de um homem, por receio de que a criança fique parecida com ele.” (RANK, [1925] 2014, p. 45). Seguindo ainda a linha de raciocínio em relação às sombras, o autor também afirma que “a crença da alma humana como uma imagem exata do corpo, difundida por povos selvícolas do mundo todo, foi inicialmente percebida na sombra, sendo também, entre os antigos povos civilizados, a crença primeva em uma alma.” (RANK, [1925] 2014, p. 49).

No entanto, um outro ponto importante que podemos mencionar neste trabalho em relação à personificação do duplo, é a questão dos reflexos nos espelhos (objeto e água) e em fotografia. Para muitas culturas pelo mundo afora, fazer uma projeção da própria imagem é considerado um tabu. Segundo Rank ([1925] 2014, p. 51): “Derrubar ou quebrar um espelho, representa um sinal de morte em toda Alemanha, embora junto a isso tenha-se a variação eufemística dos sete anos de azar. O mesmo se estende àquele que olhar por último para um espelho rachado.”

Prosseguindo, os povos gregos e indianos evitavam olhar o seu próprio reflexo no espelho d’água, pois ao olhar o seu próprio reflexo na água, eles atrairiam morte para si mesmos. Em algumas culturas, como as dos esquimós, não é permitida a projeção de imagens em fotografias, eles acreditam que ao tirar uma fotografia, sua alma ficará presa naquela

imagem. Todavia, poderíamos afirmar que muitas dessas crendices sobre a criação de uma outra imagem do nosso Eu, pode resultar em algo negativo.

Finalmente, o significado do duplo como uma personificação da alma, noção representada na crença primitiva e que continua a viver na nossa superstição, está estreitamente ligada aos fatores anteriormente discutidos. Parece que o desenvolvimento da crença primitiva na alma, nas condições psicológicas estabelecidas aqui, é análogo ao material patológico, o que poderia ser novamente confirmado em “Alguns pontos de concordância sobre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos”. (RANK, [1925] 2014, p. 62)

O tema do duplo também encontra-se presente nas artes, sejam em obras literárias ou em obras cinematográficas. Nessas duas vertentes do campo artístico o tema é explorado com bastante senso de criatividade, sendo assim também mais fácil de expressar esta temática. Segundo Rank (1925) autores como Hoffmann, Poe, Wilde e Dostoiévski são autores que trabalharam bem a questão da duplicidade em suas obras. Em obras como “Os Elixires do Diabo”, de Hoffmann, “O Duplo”, de Dostoiévski, “O Retrato de Dorian Gray”, de Wilde e “William Wilson”, de Poe, são obras onde os personagens principais entram em uma batalha incessante contra as suas cópias. E desta batalha, só restará apenas um. Muitos dos personagens dessas tramas têm tendência à loucura e à depressão profunda. Entretanto, segundo Rank ([1925] 2014, p. 14), uma outra informação que podemos adicionar aqui é sobre a obra “*Siebenkäs*” (1796), escrita pelo alemão Jean Paul. É uma das primeiras obras a abordar a temática do *Doppelgänger* na literatura. Sendo assim, de uma certa forma, Jean Paul acabou influenciando E.T.A. Hoffmann em suas obras.

É observado, também, por Rank (1925) que, na maioria das obras literárias que envolvem a temática do duplo, não se pode fugir do que foi feito no passado. E que todas essas histórias têm um viés de lição de moral. Além disso, podemos destacar também aqui a obra cinematográfica *Der Student von Prag* (1913) dirigido por Hans Heinz Ewers. Citado pelo autor, o longa-metragem narra a história do jovem Balduin, apaixonado por uma condessa. E ele entra em uma batalha com o duplo, que quer o separar de sua amada, tendo um desfecho trágico. Por fim, podemos tirar a conclusão de que toda história envolvendo “sósias” concluem-se de forma trágica.

Todas essas narrativas apresentam, independentemente das figuras de duplo plasmadas na forma de diferentes tipos, uma série de motivos tão notavelmente análogos que parece ser quase desnecessário salientá-los novamente. Sempre se trata de uma imagem idêntica a do protagonista, até nos mínimos traços, como nome, voz e indumentária, que, “como se roubada do espelho” (Hoffmann), geralmente aparece

para o protagonista em um espelho. Esse duplo também sempre lhe atrapalha a vida, e, via de regra, a relação com a mulher vira uma catástrofe, que pode acabar em suicídio — como consequência indireta da morte planejada para o perseguidor incômodo. Em uma porção de casos, isso se confunde com uma autêntica mania de perseguição, ou mesmo é substituído por ela, que então é representada como um consumado sistema delirante paranóico. (RANK, [1925] 2014, p. 30)

Todavia, se nas obras de ficções e nas crenças populares, a teoria do duplo é bastante presente, no cotidiano poderíamos encontrar a nossa cópia perfeita ou quase perfeita? Iremos agora acompanhar em como a relação entre Freud e Schnitzler, que muito tem a ver com a temática do *Doppelgänger*. Apesar deles terem algumas semelhanças entre si, a única coisa que não podemos afirmar é a questão da personalidade. Pois, ambos eram bastante diferentes nesse ponto. Freud era um homem com uma postura séria e reservada, já Schnitzler era considerado um verdadeiro *bon vivant*, um homem de vida boêmia. A peça chave por trás dessa comparação é o Pai da Psicanálise, que via assustadoramente em Arthur Schnitzler o seu *Doppelgänger*. Em uma correspondência enviada para Schnitzler, Freud escreveu o seguinte:

A resposta é esta confissão extremamente íntima: penso que o evitei a partir de uma espécie de temor ao duplo. Não que eu em geral seja facilmente inclinado a me identificar com qualquer outra pessoa ou que eu tenha qualquer desejo de esquecer a diferença de nossos dons que me separa do senhor. Sempre me deixo absorver profundamente de suas criações, parece-me encontrar, sob a superfície poética, as mesmas suposições antecipadas, os mesmos interesses e conclusões que conheço como meus próprios. (FREUD, 14 de Maio de 1922)

A comparação levantada por Sigmund Freud relaciona-se perfeitamente com seu texto “*Das Unheimliche*” (traduzido em português para, “O Inquietante” ou “O Estranho”), no qual ele aborda que nós, como espectadores, podemos ter alguns estranhamentos com coisas semelhantes ou diferentes de nosso conhecimento. Conforme afirma Tavares (2007, p. 44): “Freud, que via em Schnitzler seu duplo - ainda que sua separação ideal entre o neurótico sofredor e o artista que “resolve” seus conflitos nos possa parecer um tanto extrema - poderia parecer que o sofrimento causado pelo contato com o conhecimento médico teve em sua arte uma via de compensação.”

Algo que não podemos esquecer de mencionar aqui é que ambos os autores eram fascinados pela literatura. Enquanto, Freud se direcionava para uma escrita mais teórica, inspirando-se nas leituras de grandes clássicos da literatura para compor muitos de seus trabalhos. Schnitzler, inclinava-se para um lado mais artístico, onde ele utilizava do seu dom

para escrever grandiosas e significantes obras literárias. As obras desses dois austríacos eram bastante polêmicas para a época e, muitas delas foram taxadas como pornográficas.

Prosseguindo, Freud e Schnitzler eram formados em medicina e interessavam-se em estudos psiquiátricos. Além disso, foram alunos do Professor Theodor Meynert. Eles também vinham de famílias judaicas e vinham de uma mesma classe social. De acordo com Tavares (2007) Freud acabou fazendo mais sucesso que Schnitzler. Sendo assim, acabou ofuscando o seu conterrâneo no quesito popularidade. Tempos mais tarde, o “*Doktor Dichter*” conseguiria ter o seu nome, postumamente, conhecido mundialmente.

Seria lícito pensar também que, “graças” à citada carta confessional de Freud, Schnitzler ainda tem a possibilidade de ser lembrado nos dias atuais como aquele que paralelamente ao psicanalista desenvolvia temáticas envolvendo a morte e a sexualidade nos conflitos humanos [...] A perda ou preenchimento do espaço do texto de ficção poderia ter um certo papel nesse esquecimento, mas seria mais adequado pensar que Schnitzler foi esquecido mais por causa de Freud do que o contrário, que por ele seja lembrado. (TAVARES, 2007, p. 40)

Apesar de Freud ter fundamentado toda essa comparação, Schnitzler discordava totalmente das palavras do Pai da Psicanálise, pois ele achava essa comparação um tanto equivocada. Em relação às teorias freudianas, Schnitzler, também, era bastante cético. Porém, não podemos discordar que as obras do *Doktor Dichter* de alguma forma dialogam com a Psicanálise fundamentada por Freud. Com isso, podemos citar a *Traumnovelle* (Schnitzler) e *Traumdeutung* (Freud) como as obras que possuem este diálogo. Ambas as obras citadas possuem algo em comum que é o sonho. Porém, de um lado temos uma obra que narra acontecimentos que beiram a realidade ou a imaginação (onirismo). Do outro lado, temos uma obra que mesmo tendo um teor teórico, narra os acontecimentos dos pacientes que se assemelham a uma história ficcional.

É inegável que, tomado hoje, o texto de Schnitzler é lido desprezando a Psicanálise enquanto memória discursiva. Não há sequer um crítico moderno do autor que em algum momento não remeta sua obra a Freud. Ambos eram estudiosos e professores quando a matéria era alma humana e suas formas de expressão pela linguagem. Ainda que nem sempre tenham podido ou pretendido curá-la, souberam dar-lhe vez a voz: a vez em sua clínica e a voz em sua escrita. (TAVARES, 2007, p. 106)

Acompanhamos neste capítulo sobre os fundamentos da teoria do *Doppelgänger* que teve seu surgimento através dos mitos e crenças populares. Fortemente explorado na

literatura, o duplo apresenta-se de uma forma maligna, trazendo danos ao personagem principal. Vimos também a questão da duplicidade na relação entre Freud e Schnitzler. E mesmo que o *Doktor Dichter*, não concordava em hipótese alguma com as justificativas fundamentadas pelo Pai da Psicanálise, os detalhes e semelhanças entre eles não passam despercebidos. Em suma, passamos, em seguida, a explorar justamente o diálogo, na ficção, de ideias propostas na Psicanálise: a *Traumnovelle*, de Schnitzler, e a apropriação do universo onírico como concebido por Freud no clássico *Traumdeutung*.

5. A *Traumnovelle* (1926): os sonhos de Schnitzler

A *Traumnovelle* (em Português, a novela foi renomeada para *Breve Romance de Sonho*) é uma obra que interage entre o real e o surreal. Nesta obra, que é uma das mais conhecidas, entre a vasta produção de Arthur Schnitzler, embarcamos em uma história cheia de incertezas, alucinações, desejos e mistérios. Entretanto, como definir os fatos narrados nesta novela sobre os sonhos? Poderiam ser “verídicos” ou apenas delírios da cabeça do protagonista? Devido ao trânsito entre “realidade” e “tecido onírico”, a trama desenvolve-se de maneira conturbada e cheia de simbolismos.

Os sonhos, na proposição desse escritor, podem estar designados todos e cada um dos sonhos noturnos que uma pessoa pode ter. Mas, cabe aqui resgatar o seu livro dos sonhos, a *Traumnovelle*. Ali a palavra *Traum* não designa tão somente os conjuntos de imagens, de pensamentos ou de fantasias que se apresentam durante o sono, mas também os chamados sonhos diurnos, ou seja, os devaneios e as fantasias (semi-) conscientes. (TAVARES, 2007, p. 118)

Na novela de Schnitzler somos apresentados ao jovem casal Fridolin e Albertine, frequentadores da alta sociedade vienense, que vivem uma vida confortável. De um lado, temos Fridolin, um jovem médico que enfrenta uma fase de incertezas quanto ao seu relacionamento. Do outro, Albertine, uma típica jovem mulher do lar e autoconfiante. No início da “novela dos sonhos”, somos direcionados a uma cena onírica com um príncipe persa sendo alvejado pelos seus súditos sob um céu estrelado. O cenário logo muda-se para o jovem casal e sua única filha, preparando-se para mais uma noite de sono.

Percebe-se que o casal vive uma vida conjugal harmoniosa, porém, ambos são atormentados por desejos libidinosos, que acabam gerando divergências na vida cotidiana deles. Dando continuidade, logo após uma longa conversa sobre o baile de máscaras do último Carnaval, o casal entra em um questionamento sobre os seus desejos e intenções. O que tudo aparentava ser harmonioso, torna-se algo estranho e perturbador para Fridolin, depois que Albertine confessa a ele, que durante a viagem para a Dinamarca, ela sentiu-se atraída por um jovem marinheiro. E através desse relato, Albertine confessa ter devaneado e criado fantasias com esse misterioso jovem marinheiro. E que se fosse possível, ela estaria apta a abandonar tudo e fugir com o seu possível amante.

Afinal, por mais que pertencessem um ao outro no que sentiam e pensavam, sabiam que, não pela primeira vez, um hálito de aventura, liberdade e perigo os tocará na

noite anterior; temerosos, atormentando-se em curiosidade silente¹, buscavam arrancar confissões um do outro, e, aproximando-se amedrontados, procuravam em si próprios por algum fato, indiferente que fosse, por alguma experiência, ainda que sem importância, que pudesse dar expressão ao inexprimível, e cuja sincera confissão porventura os libertasse de uma tensão e uma desconfiança que, pouco a pouco, começava a fazer-se insuportável. (SCHNITZLER, [1926] 2008, p. 7)

Após ter ouvido atentamente a confissão de Albertine, atordoado, Fridolin decide confessar sobre a vez que encontrou uma bela jovem na praia, na última manhã da viagem à Dinamarca. Fridolin tentara algo com a jovem, mas é impedido por uma força interior maior. O diálogo do casal é interrompido pela governanta da casa, informando que um paciente sofreu um ataque cardíaco e que precisava de uma visita urgente. Depois de atender ao chamado do paciente, já falecido, Fridolin é surpreendido pela confissão de Marianne, filha do agonizante. A jovem declara-se apaixonadamente por Fridolin. Essa declaração histórica da jovem acaba deixando o jovem médico mais perplexo.

Os eventos narrados tornam-se cada vez mais misteriosos e Fridolin decide embarcar em uma aventura pelas ruas da Viena boêmia. As aventuras noturnas são repletas de encontros fugazes e enigmáticos; esses encontros são todos fragmentados, como os sonhos. No meio dessa atmosfera onírica e incerta, Fridolin se encontra por um acaso com uma prostituta chamada Mizzi. Porém, por estar abalado devido a pensamentos constantes, ele recusa uma relação íntima com Mizzi. E ele segue novamente vagando pelas ruas.

A convite de Nachtigall, um grande amigo do passado, Fridolin decide ir a um baile secreto de máscaras. Antes de ir ao baile, ele aluga uma máscara, um hábito de monge e um chapéu de peregrino em uma loja de fantasias. E mesmo ciente do perigo que corria, Fridolin vai até o baile. Chegando à mansão onde o baile está acontecendo, ele informa a senha para entrar, que é “Dinamarca”. A partir deste momento a *Traumnovelle* atinge o seu ápice, com Fridolin tendo acesso ao baile secreto. As cenas narradas são repletas de luxúria e marcadas por um clima permanente de mistério. Pessoas mascaradas, nuas e seminuas transitam pelos corredores e salões de uma mansão. O cenário onírico deixa Fridolin boquiaberto, para ele tudo parece surreal.

No entanto, a transgressão acaba colocando a vida do protagonista em risco. Logo sua presença é descoberta por dois mascarados misteriosos. Sem saída, ele vê-se encurralado. Porém, a sua pele é salva, graças à uma mulher misteriosa, que se dispôs a sacrificar-se por

ele. Após essa aventura noturna, Fridolin retorna para casa. Nesta mesma noite, Albertine tem um sonho estranho, e ela decide relatar isso a Fridolin. No sonho descrito por Albertine, Fridolin era humilhado e exposto por uma multidão de pessoas. A situação vexaminosa a qual o seu marido encontrava-se dentro do sonho, agradava-lhe muito.

Mas o que faria agora? Iria para casa? Aonde mais? Afinal, já não havia nada que pudesse fazer àquela hora. E amanhã? Faria o quê? E como? Sentia-se atabalhoado, desamparado, tudo lhe escorria por entre os dedos; tudo se tornava irreal, seu lar, sua esposa, sua filha, sua profissão, e até ele próprio, caminhando mecanicamente pelas ruas noturnas, os pensamentos divagando sem rumo. (SCHNITZLER, [1926] 2011, p. 54)

Nos últimos momentos da novela, Fridolin vai ficando reflexivo. Ele tenta compreender o que aconteceu nas últimas horas, porém faltam algumas peças desse “quebra-cabeça” onírico. Após ler uma nota do jornal sobre uma mulher que morrerá envenenada de forma suspeita, ele vai até o necrotério com a esperança de encontrar a mulher misteriosa do baile. Por fim, chegando ao seu destino, ele não encontra a resposta que tanto queria. Mesmo assim, o personagem ainda persiste consigo mesmo em ligar os fatos.

Ao retornar para casa, Fridolin encontra sua esposa dormindo junto à máscara do baile. Atordoado com a cena que acabara de ver, ele decide confessar à Albertine todas as aventuras da noite passada. Compreensivelmente, Albertine acolhe Fridolin em seus braços. E a novela encerra-se com um novo dia raiando do lado de fora. “Ela sorriu e, após breve hesitação, respondeu: “Agradecer ao destino, penso eu, por termos escapado incólumes de todas as aventuras — as reais e as sonhadas.” (SCHNITZLER, [1926] 2011, p. 64)

Como afirmamos no início deste capítulo, um dos maiores questionamentos que podemos fazer durante a leitura de *Traumnovelle* é se os eventos narrados por Arthur Schnitzler são apenas sonho ou realidade. Apesar da novela seguir uma linha realista de narrativa, os acontecimentos narrados por Schnitzler criam uma atmosfera tensa, sempre oscilando entre o onírico e o real. De acordo com Tavares (2007, p. 141), “é nessa dificuldade de delimitar, compreender e lidar com uma realidade estranha e nova que o sonho e a fantasia se apresentam na tratada *Traumnovelle*”. Por mais que Fridolin estivesse em estado de vigília, ele negava tudo aquilo que estava vivenciando. Pois, para ele, todos aqueles acontecimentos eram apenas alucinações. “Será que, na realidade, não estava deitado em sua cama... e tudo

aquilo que acreditava ter vivido não fora mais que um delírio?” (SCHNITZLER, [1926] 2011, p. 40)

Dando continuidade sobre o sonho *versus* realidade na *Traumnovelle*, podemos destacar aqui a cena de quando Albertine relata sobre o sonho que ela teve naquela mesma noite que Fridolin foi ao baile secreto. Prosseguindo, o sonho relatado por Albertine está repleto de simbologias e cenas peculiares. As cenas desse sonho interligam-se com o que Fridolin presenciou em vigília. E uma possível interpretação para esse sonho é que em ambas as situações, Fridolin encontra-se em perigo, e esse “perigo” pode estar relacionado à atual situação do relacionamento conjugal do casal, que está por um fio.

Paralelamente, no sonho de Albertine, temos outro flagrante onde o casal se encontra nu diante de uma multidão. A sexualidade ali coletivizada, promíscua, selvagem e intensa e, na dinâmica do olhar ocorre a mesma duplicação/divisão, não se trata de uma série de imagens definidas e delimitáveis como as que nos dão sentido da visão, não, no olhar do sonho o sujeito se vê sendo visto. (TAVARES, 2006, p. 141)

Com a apresentação dos fatos ocorridos na novela, logo observamos o lado mais obscuro dos desejos de Fridolin. Os pensamentos incessantes sobre sua amada com outro homem acabam-o torturando ao longo da trama. Claramente, para Fridolin, a sua amada Albertine, é uma pessoa recatada e sem desejos; por isso, ele não quer acreditar na infidelidade dela. Pode-se dizer que é um personagem que vive em estado de negação o tempo todo, possivelmente o personagem tem medo de encarar a realidade. Por mais que ele embarque nessas aventuras, tem uma força interior que o impede de ir a fundo na transgressão. Fica nítido também que durante a novela, Fridolin tem alguns problemas para se relacionar com as pessoas, comportando-se sempre de forma superficial e evitando envolvimento sentimental.

Já a personagem Albertine é, igualmente, uma peça fundamental para o desenvolvimento da trama. Ao mesmo tempo que aparenta a delicadeza encarnada, é emancipada e autoconfiante. Demonstra não ter medo de esconder os seus desejos e sentimentos. Ela está sempre demonstrando transparência nos seus diálogos e, também demonstra ser uma mulher à frente do seu tempo. Além disso, é uma personagem que se mostra totalmente disponível em dialogar com Fridolin sobre os desejos mais profundos e a

vida conjugal deles. Esse tipo de personagem feminina é uma marca registrada nas obras de Schnitzler, pois sua ficção é marcada por mulheres fortes e bem delineadas.

Por conta da monotonia no casamento de Fridolin e Albertine, o casal ansiava por aventuras extraconjugais para saciarem os seus desejos mais profundos. Por mais que ambos tenham se distanciado um do outro no meio de todas essas aventuras, no final das contas, ambos encontram o caminho de volta para a calma do relacionamento conjugal. Certamente, na sua *Traumnovelle*, Schnitzler, não quis apenas falar sobre os sonhos, mas também criticar os relacionamentos conjugais daquela época. “Deitou-se ao lado de Albertine, que parecia já haver adormecido. Uma espada entre nós, pensou outra vez: como inimigos mortais, aqui jazemos nós, um ao lado do outro. Mas eram apenas palavras.” (SCHNITZLER, 1926, p. 46)

A *Traumnovelle* utiliza alguns aspectos estéticos/simbólicos, como o amanhecer e o anoitecer em cada início de capítulo. Os ciclos da natureza, tais como o degelo, o início da primavera, os ventos e o nevoeiro. Tudo isso imprime à obra uma atmosfera onírica, nos dando a sensação de que estamos dentro de um sonho. Além disso, como já destacado, os eventos recorrentes da obra são todos fragmentados, de forma que podemos relacioná-los à sintaxe dos sonhos.

Assim como nos sonhos, a obra de Arthur Schnitzler (1926) está repleta de detalhes e simbologia. A máscara é o principal símbolo da *Traumnovelle*. Porém, o que há por detrás desse símbolo? De fato, o mascaramento dentro da novela tem a ver com a questão de esconder as suas origens, abrindo-se para a exploração dos desejos e pulsões veladas. No baile secreto, os participantes, inclusive Fridolin, criam um *alter ego* com a utilização das máscaras para a realização dos desejos que são ocultos durante o dia.

O que a novela de Schnitzler assinala com a maior força é que uma experiência da sexualidade e do desejo, pouco importando-se vivida ou fantasiada, sonhada ou almejada pode ter forças equivalentes e avassaladoras sobre o sujeito, que contra ela pouco pode. Seu título certamente não faz referência somente nem principalmente ao relato do sonho de Albertine, é muito mais a posta em cheque de qualquer verdade ou discurso que dê conta do sexual e de sua vivência. (TAVARES, 2007, p. 135)

Um outro ponto a ser mencionado neste trabalho é a respeito dos devaneios. Familiarizando-se com os sonhos noturnos, durante o devaneio, o indivíduo desliga-se totalmente da realidade e cria fantasias em sua mente. Assim sendo, tem-se conscientemente o

total controle dos conteúdos ali presentes na sua fantasia. Na *Traumnovelle*, o devaneio está presente quando Albertine relata sobre as fantasias que ele teve com o jovem dinamarquês. “Na praia, passei o dia inteiro perdida em devaneios. Se ele me chamasse — julguei então —, não teria podido resistir.” (SCHNITZLER, [1926] 2011, p. 8).

Podemos destacar aqui também neste capítulo a questão da duplicidade. Pois, de acordo com Tavares (2007, p. 138) “o duplo-eu nos contos e dramas, vê-se ante a duas possibilidades, dois mundos ou duas visões de mundo: um mundo burguês, normalizado e familiar e um outro imortal, desviante e desconhecido.” Através dessa afirmativa, podemos afirmar que nas obras de Schnitzler os personagens dividem o seu Eu em duas partes. Sendo assim, uma parte está relacionada ao mundo burguês (familiar) e a outra parte às sociedades secretas (não familiares). Logo abaixo (figura 4) temos a representação dessas duas polaridades. Exemplificando esta afirmativa, temos Fridolin que durante o dia é apenas um médico, pai de família e marido, um perfil exemplar. Já durante a noite, toda essa “familiaridade” é colocada de lado para encarnar um outro personagem oculto durante o dia. Esse exemplo coliga-se também com as pessoas presentes no baile secreto.

Figura 4 - Representação da duplicidade na *Traumnovelle*

Mundo burguês	Sociedade Secreta
Sexualidade legítima	Sexualidade ilegítima
Continuidade da relação	Atos sexuais únicos
Fidelidade / monogamia	Promiscuidade
Individualização	Coletividade
Consumação privada da sexualidade	Consumação pública da sexualidade
Prostração / prazer domado	Máxima intensidade / prazer selvagem
Corpo: coberto X rosto e olhar: descoberto	Corpo: descoberto X rosto e olhar: coberto

Fonte: TAVARES (2007, p.140)

Em síntese, a *Traumnovelle* move-se na área cinzenta entre o consciente e inconsciente. É uma novela onde o sonho é o elemento principal, não importando se ele é apenas um simples devaneio numa tarde de verão ou se é um sonho durante uma noite

conturbada. Embora Arthur Schnitzler caminhasse em sentido contrário às teorias freudianas em relação aos sonhos, o “*Doktor Dichter*” quis, com a sua *Traumnovelle*, falar apenas sobre os sonhos de uma forma artística. Entretanto, entre uma aventura e outra, observamos que o protagonista Fridolin, por mais que embarque em aventuras extraconjugais, sempre prefere voltar para os braços de sua amada esposa. Em suma, Arthur Schnitzler, com a sua *Traumnovelle*, nos induz a sonhar e continuar sonhando mesmo acordados.

6. A *Traumdeutung* (1900): os sonhos de Freud

Os sonhos, na visão popular, podem transmitir diversos elementos, como bons ou maus presságios. Entretanto, com o lançamento da *Traumdeutung* (Traduzida para o Português como *A Interpretação dos Sonhos*, 1900), Freud detalha o método inovador de como devemos observar os sonhos. Por ser uma obra extensa e multifacetada, neste último capítulo, veremos apenas o essencial para o entendimento deste trabalho. Assim, conforme Freud ([1900] 2018, p. 13), a obra é essencial para o entendimento dos novos pressupostos psicanalíticos:

Na esfera da vida onírica, pude manter inalteradas minhas asserções originais. Durante os longos anos em que venho lidando com os problemas das neuroses, muitas vezes estive em dúvida e tive minhas convicções ocasionalmente abaladas. Nessas ocasiões, foi sempre *A interpretação dos sonhos* que me restituiu a certeza. Assim, foi um instinto seguro que levou muitos de meus opositores científicos a se recusarem a me seguir, mais particularmente nas minhas pesquisas sobre os sonhos.

Em primeira mão, os sonhos são a realização de desejos reprimidos. Segundo Tavares, (2007, p. 120) “o sonho desvela imagens plenas de sentidos aos quais se procura atribuir significações no relato que visa re-encadear estas imagens.” Na *Traumdeutung* (1900), Freud discorre minuciosamente sobre o funcionamento dos sonhos dentro de nossa *psique*. Ele também justifica que este compilado de imagens lúdicas são uma porta de entrada para o nosso Inconsciente (*das Unbewusste*). A interpretação de um sonho serve tanto para compreender o nosso próprio Eu, quanto para entender os nossos sofrimentos.

Existe uma técnica psicológica que torna possível interpretar os sonhos, e que, quando esse procedimento é empregado, todo sonho se revela como uma estrutura psíquica que tem um sentido e pode ser inserida num ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília. Esforçar-me-ei ainda por elucidar os processos a que se devem a estranheza e a obscuridade dos sonhos e por deduzir desses processos a natureza das forças psíquicas por cuja ação concomitante ou mutuamente oposta os sonhos são gerados. (FREUD, [1900] 2018, p.21)

Todavia, antes de Freud dedicar seus estudos aos sonhos, o assunto já vinha sendo estudado no campo científico. Durante a Antiguidade, muitos povos acreditavam que os sonhos tinham ligações com o divino ou com o demoníaco: “Eles aceitavam como axiomático que os sonhos estavam relacionados com o mundo dos seres sobre humanos nos quais acreditavam, e que constituíam revelações de deuses e demônios.” (FREUD [1900] 2018, p. 22) Os sonhos, durante esses períodos, possuíam a funcionalidade de um oráculo, prevendo acontecimentos futuros. Freud (1900) também afirma que, na Antiguidade, a arte de

interpretar os sonhos já era comum nas mãos de Artemidoro de Daldis (séc. II d.C.) em *Oneirocritica*. Freud ([1900] 2018, p.85) também acrescenta:

A crença sustentada na Antiguidade de que os sonhos eram enviados pelos deuses para orientar as ações dos homens constituía uma teoria completa dos sonhos, proporcionando informações sobre tudo o que valia a pena saber a respeito deles. Desde que os sonhos passaram a ser objeto da pesquisa científica, desenvolveu-se um número considerável de teorias, inclusive algumas que são extremamente incompletas.

Tratando-se agora sobre os sonhos infantis, Freud (1900) afirma que os sonhos durante a infância possuem um simples grau de complexidade. Ele discorre que os sonhos infantis são um ponto de partida para a concretização de que os sonhos são realizações de desejos. Tomemos como exemplo, quando uma criança deseja com afeição um brinquedo que viu em uma loja. Provavelmente ao adormecer, a criança sonhará com o objeto desejado. O seu inconsciente criará um conjunto de cenas fantasiosas e lúdicas relacionadas àquele brinquedo desejado. É de total compreensão da criança, que ao despertar deste sonho, a criança sentir-se realizada.

Por se tratar de uma obra onde os sonhos são realizações de desejos, Freud abre um parêntese em relação a este fenômeno psíquico. De acordo com Freud ([1900] 2018, p. 128) os sonhos similarmente podem ser representados por temores, fobias, preocupações ou lembranças. Esses tipos de materiais oníricos quando projetados em nossa psique, ao acordar, podem nos deixar aflitos ou atormentados. Por mais que os sonhos possam possuir essas diferenciações, Freud continua a defender que os sonhos são realizações de desejos.

Por exemplo, há um sonho que posso produzir em mim mesmo quantas vezes quiser — experimentalmente, por assim dizer. Se à noite eu comer anchovas ou azeitonas, ou qualquer outro alimento muito salgado, ficarei com sede de madrugada, e a sede me acordará. Mas meu despertar será precedido por um sonho, sempre com o mesmo conteúdo, ou seja, o de que estou bebendo. Sonho estar engolindo água em grandes goles, e ela tem o delicioso sabor que nada senão uma bebida fresca pode igualar quando se está morrendo de sede. Então acordo e tenho que tomar uma bebida de verdade. Esse sonho simples é ocasionado pela sede da qual me conscientizo ao acordar. A sede dá origem a um desejo de beber, e o sonho me mostra esse desejo realizado. (FREUD, [1900] 2018, p. 128)

O diferencial da *Traumdeutung* está nos relatos de sonhos e suas análises. Nesta obra, há uma série de relatos de sonhos, sejam do próprio “Pai da Psicanálise”, sejam dos pacientes e dos familiares de Freud. Muitos desses relatos expõem a capacidade literária do autor. Fica evidente que além de pôr em prática sua relação com a Ciência, ele também põe em prática

sua conexão com a Literatura. Um relato que podemos citar aqui é o conhecido “A Injeção de Irma”, no qual o próprio Freud sonha estar aplicando uma injeção em uma paciente que sofre de uma infecção. O relato é repleto de simbologias e a análise feita por Freud é repleta de pormenores:

Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! Se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... isto está me sufocando.” Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. (FREUD, [1900] 2018, p. 113)

No que diz respeito ao esquecimento do conteúdo onírico ao acordar, conforme afirma Freud, ([1900] 2018, p. 58) a nossa consciência em vigília pode infringir para o esquecimento do sonho. Ao sonharmos, nosso inconsciente nos expõe a uma série de imagens surreais e sons. Ao despertar, não conseguimos nos lembrar do sonho, pois a nossa mente cria uma censura a este tipo de conteúdo. Entretanto, o fator consciente dessas imagens é fraco demais.

A tendência dos sonhos a serem esquecidos pela consciência de vigília é, evidentemente, apenas a contrapartida do fato já mencionado de que os sonhos quase nunca se apoderam de lembranças ordenadas da vida de vigília, mas apenas de detalhes selecionados delas, que arrancam do contexto psíquico em que costumam ser lembradas no estado de vigília. (FREUD, [1900] 2018, p. 60)

Ao relatar um sonho, entramos em um processo de regressão, ou seja, tentamos relembrar sobre o conteúdo onírico através do discurso. Os materiais oníricos, de acordo com Freud (1900), possuem dois tipos de conteúdos: latentes e manifestos. Os conteúdos “latentes” são os conteúdos gerados dentro inconsciente do sonhador. Já os conteúdos “manifestos” constituem o relato de sonho do indivíduo. Os conteúdos manifestos podem sofrer diversas alterações. Para Freud (1900), os conteúdos manifestos podem ser “mentirosos”, pois há uma censura ao tentarmos relembrar do sonho. Porém, o papel dentro da *Traumdeutung* é interpretar o que está escondido por de trás das simbologias apresentadas nos sonhos.

O trabalho que transforma os pensamentos latentes em conteúdo manifesto, impondo-lhes uma distorção que os torna inacessíveis ao sonhador, é o que Freud chama de elaboração onírica; e o trabalho inverso, que procura chegar ao conteúdo latente partindo do manifesto que visa decifrar a elaboração onírica, é o trabalho de interpretação. (GARCÍA-ROZA, [1994] 2009, p. 66)

Na *Interpretação dos Sonhos* Freud ([1900] 2018, p. 39) explica que para a reprodução dos sonhos existem quatro tipos de estímulos para o reconhecimento dos sonhos: (1) estímulos sensoriais externos (objetivos), (2) estímulos sensoriais internos (subjetivos), (3) estímulos somatórios internos (orgânicos) e (4) fontes de estimulação puramente psíquicas. Esses estímulos servem como um reproduzidor de conteúdos oníricos, apoiando-se na situação a qual o indivíduo se encontra no momento. Os “estímulos externos” estariam ligados às perturbações que acontecem em um ambiente (barulhos, vento, etc.). Já os “estímulos internos” têm o seu surgimento através do contato com os órgãos sensoriais. O terceiro estímulo estaria ligado aos nossos órgãos internos. E por fim, os “estímulos psíquicos” estão conectados às emoções e lembranças vividas durante a vigília.

Conforme discorre García-Roza ([1994] 2009, p.67) os sonhos, para Freud (1900), possuem quatro mecanismos fundamentais de elaboração onírica: Condensação (*Verdichtung*), Deslocamento (*Verschiebung*), Figuração ou consideração à figurabilidade (*Rücksicht auf Darstellbarkeit*) e Elaboração Secundária (*Sekundäre Bearbeitung*). Esses mecanismos localizados por Freud servem para descortinar como os desejos ou lembranças podem estar presentes em um processo onírico.

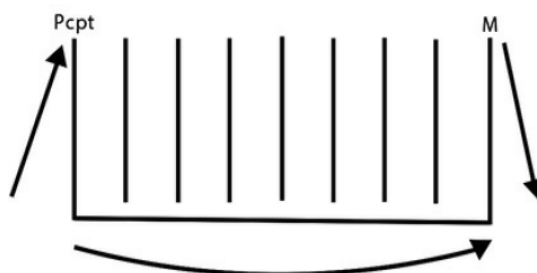
Adentrando na *Traumdeutung*, particularmente no famoso e denso Capítulo VII, somos apresentados aos primeiros esboços da “Primeira Tópica” do aparelho psíquico. É através desta pesquisa que temos uma introdução do “*Inconsciente*”. Prosseguindo, segundo esta afirmação de Freud ([1900] 2018, p. 483):

O que nos é apresentado com essas palavras é a ideia de uma localização psíquica. Desprezarei por completo o fato de que o aparelho mental em que estamos aqui interessados também nos é conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica.

Freud intitula os componentes do aparelho psíquico de “*sistemas-ψ*”. E, de acordo com a seguinte afirmação de Freud ([1900] 2018, p. 484): “Por conseguinte, retrataremos o aparelho psíquico como um instrumento composto a cujos componentes daremos o nome de instâncias ou sistemas.” Portanto, Freud idealizou que dentro de nossa *psique* existe um outro sistema, que não é visível. Para Freud, o “aparelho psíquico” é constituído por sistemas que são responsáveis pelos fluxos das atividades dentro deste aparelho. A Tópica do Aparelho Psíquico é apresentada pelos seguintes componentes: *Ics* (Inconsciente), *Pcs* (Pré-Consciente) e *Cs* (Consciente).

Neste esboço do aparelho psíquico é dividido em três esquemas, seguindo do modelo simples ao mais avançado. A primeira representação deste sistema, representado abaixo (figura 5), consiste em duas extremidades. Na extremidade esquerda, temos o *Sistema Perceptivo (Pcpt)*, responsável em receber os estímulos. E na extremidade direita, temos o *Sistema Motor (M)*, que permite o acesso às atividades motoras.

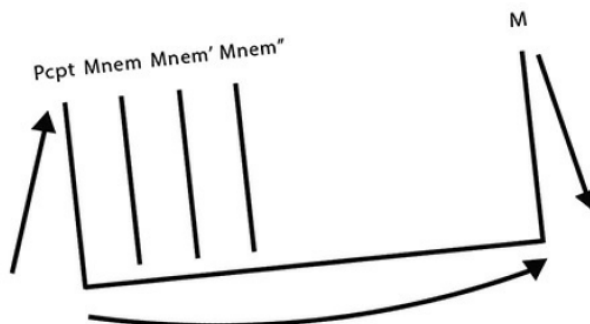
Figura 5 - Primeira representação do sistema



Fonte: FREUD ([1900] 2018, p.484)

Por haver divergências com o primeiro esboço do sistema e, também por não suportar a complexidade dos fenômenos psíquicos. Freud atualiza este sistema para comportar a quantidade dos conteúdos recebidos. Na segunda representação do sistema (figura 6), Freud apresenta um outro plano onde os estímulos recebidos pelo *Sistema Perceptivo (Pcpt)* são transferidos diretamente para o *Sistema Mnêmico (Mnem)*. O “*Sistema Mnêmico*” fica responsável por receber todo o conteúdo, organizá-los e armazená-los em nossa mente.

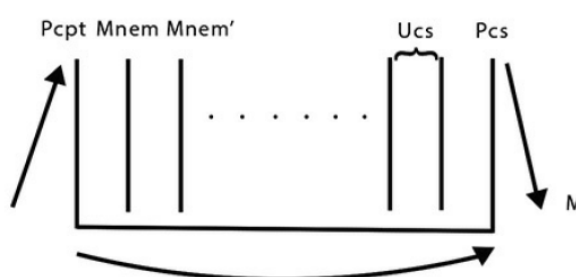
Figura 6 - Segunda representação do sistema



Fonte: FREUD ([1900] 2018, p.485)

Entretanto, com o progresso das pesquisas sobre o aparelho psíquico, Freud (1900) apresenta a última parte deste sistema (figura 7), agora completo e detalhado o aparelho é composto pelos sistemas *Pcpt*, *Mnem* e *M*. Nesta terceira e última fase deste processo, Freud acrescenta outros dois componentes nos sistemas: *Ics* e *Pcs*. Sendo assim, segundo Freud ([1900] 2018, p. 488), “descreveremos o sistema que está por trás dele como ‘o inconsciente’, pois este não tem acesso à consciência senão através do pré-consciente.” No caso, o *Ics* só terá acesso à consciência através do pré-consciente.

Figura 7 - Terceira representação do sistema



Fonte: FREUD ([1900] 2018, p.487)

Freud ([1900] 2018, p. 488) consolida a tese de que a formação dos sonhos ocorre dentro do Inconsciente (*Ics*). Certamente, a reprodução dos sonhos ocorre devido à diminuição da atividade consciente (*Cs*) e pré-consciente (*Pcs*). Com o enfraquecimento desses dois elos, o *Ics* entra em ação e produz os sonhos. Isso ocorre devido ao fato desses conteúdos serem armazenados pelo sistema *Mnem* e também pelo enfraquecimento do “consciente” ao adormecer. Posteriormente, em trabalhos que fundamentam seus conceitos, cujo conjunto é conhecido como “Metapsicologia”, o Psicanalista aprofunda suas teses sobre o funcionamento do inconsciente e “desenhos” sobre o aparelho psíquico.

6.1. Os Diálogos entre *Traumdeutung* (1900) e *Traumnovelle* (1926)

De acordo com Tavares (2007, p. 42) “Faz-se mister, portanto, investigar onde se cruzam e onde se afastam as narrativas dos escritores do(s) sonho(s).” A partir com o que foi apresentado sobre a *Traumdeutung* e a novela de Schnitzler, propomos, neste presente capítulo, estabelecer um diálogo entre as duas obras. Neste trabalho pudemos observar que as

respectivas obras, *Traumdeutung* (1900) e *Traumnovelle* (1926) apresentam como elemento principal o sonho.

No caso, consideraríamos que a obra escrita por Freud está ligada ao discurso científico e a obra de Schnitzler, ligada à Arte (literatura), regida, dessa forma, por norteadores estéticos. Se, por um lado, Freud seguia com um método de ouvir e transcrever os relatos de seus pacientes, para ter acesso ao “*Inconsciente*” através do discurso. Já seu conterrâneo, Schnitzler, que era igualmente médico formado e provido de conhecimentos clínicos, utilizava discursos de base erótica e transgressora, para a construção de seus personagens e obras. Entretanto, muitos dos personagens “*schnitzlerianos*” enfrentam problemas internos em suas vidas e procuram curar-se dessas dores internas. Sendo assim, podemos dizer sobre os pacientes de Freud que buscavam uma solução para os problemas dentro do seu interior.

Dando continuidade, o que seria o(s) sonho(s), para Freud e Schnitzler? Certamente, o sonho é um fenômeno universal. De acordo com Tavares (2007) para Freud, os sonhos se separavam entre diurnos e noturnos. Na visão dele, os sonhos noturnos estariam ligados ao inconsciente, material totalmente livre de censura e que o nosso ego adormecido não teria a capacidade de interferir. Já os sonhos diurnos, ou devaneios, tinham aspectos conscientes. Mas para Schnitzler, os sonhos não tinham distinções entre noturno e diurno, tudo se resumia em um corpo só. Pode-se dizer que são leituras que se complementam, uma literária e outra psicanalítica. Além disso, ambos partem de uma base sexual na composição de sonhos, delírios e devaneios.

Enquanto para Freud é importante a busca de uma separação entre consciente e inconsciente além do tipo de sonho (noturnos e diurnos, como melhor veremos), para Schnitzler esta diferenciação, bem como a de delírio e verdade, é colocada como infrutífera ou impossível. O que para Freud tentaria separar em suas análises é aquilo que Schnitzler vem denunciar como indissociáveis. (TAVARES, 2007, p. 120)

A *Traumnovelle* é marcada por uma atmosfera onírica cheia de mistérios. E nesta “*novela dos sonhos*”, temos uma amostra de cenas oníricas, que para Freud ([1900] 2018, p.106) na *Traumdeutung* seriam “*sonhos artificiais*”; esses tipos de sonhos são criação da mente de autores. E na novela de Arthur Schnitzler, por mais que o personagem esteja consciente, temos a sensação de que ele ainda possa estar sonhando.

Acrescentando mais um ponto, podemos afirmar que ambos os trabalhos mencionados possuem uma relação “*Doktor*” x paciente. Exemplificando, o papel principal do “*Doktor*” é ouvir e interpretar o relato cedido pelo paciente. Por outro lado, o paciente fica responsável em relatar a experiência onírica para análise. Neste caso, podemos extrair como exemplo da *Traumnovelle* o relato de sonho de Albertine (SCHNITZLER, [1926] 2008, p.42), que na posição de paciente, a jovem relata sobre o seu sonho misterioso e cheios de simbologias, para o seu marido Fridolin; que encontra-se na posição de “*Doktor*”. O mesmo, também, ocorre na *Traumdeutung*, onde temos Freud na posição de um médico que ouve e transcreve os relatos de sonhos de seus pacientes, a fim de interpretá-los.

Indo na contramão das teorias freudianas, Schnitzler tinha uma visão diferente sobre os sonhos. Como escritor prolífico, o *Doktor-Dichter* via os sonhos apenas como sonhos. As cenas oníricas moldadas por Schnitzler na *Traumnovelle* trazem para a obra outra perspectiva, através da qual podemos ver o campo psicológico dos personagens. No entanto, Freud via os sonhos como um portal de entrada para o nosso inconsciente. Na *Traumdeutung*, observamos que Freud busca investigar cientificamente o sonho e, de acordo com Tavares (2007) por ser uma obra preenchida de relatos de sonhos de pacientes, pode ser lida como uma “ficção-médica”.

Para finalizarmos este capítulo, concluímos que ambos os autores possuem uma visão própria sobre os sonhos. Se para Freud (1900) os sonhos são divididos entre noturnos e diurnos, para Schnitzler (1926) os sonhos não apresentam distinções entre eles. Por mais que a *Traumdeutung* e a *Traumnovelle* falam sobre os sonhos em suas diferentes formas e jeitos, o olhar que seus autores têm em relação ao sonho é diferente. Em suma, ambos os autores provam uma capacidade de entendimento sólida sobre os sonhos e os utilizam como material básico de suas idéias.

E quanto ao valor dos sonhos para nos dar um conhecimento do futuro? Naturalmente, isso está fora de cogitação. Mais certo seria dizer, em vez disso, que eles nos dão um conhecimento do passado, pois os sonhos se originam do passado em todos os sentidos. [...] Afinal, ao retratarem nossos desejos como realizados, os sonhos estão decerto nos conduzindo para o futuro. Mas esse futuro, que o sonhador representa como presente, foi moldado por seu desejo indestrutível à imagem e semelhança do passado. (FREUD, [1900] 2018, p. 555)

Em síntese, Freud nos entregou uma obra rica em detalhes sobre os processos oníricos. Na *Traumdeutung* temos uma visão ampla de como podemos interpretar os sonhos, desligada das crenças populares. É uma obra que nos apresenta o nosso Inconsciente. Podemos afirmar que *A Interpretação dos Sonhos* é uma das obras mais importantes quando o assunto é sobre os sonhos. Apesar da sintaxe dos sonhos ser complexa e abstrata, a partir de Freud e Schnitzler, não podemos desconsiderar que os sonhos podem nos dizer muito sobre o nosso Eu interior.

7. Considerações Finais

Neste trabalho, observamos que os austríacos Freud e Schnitzler possuíam visões diferentes sobre os sonhos, ainda que partamos da afirmativa de que os sonhos são fenômenos comuns que ocorrem dentro da nossa psique. Freud, através de uma abordagem científica, afirma que os sonhos são a realização de desejos recalcados durante a vida em vigília. No campo estético, artístico-literário, Schnitzler utiliza os sonhos como elementos de sua ficção e os considera fenômenos habituais.

Referente às afirmações de Tavares (2007) vimos que as semelhanças entre Freud e Schnitzler são inegáveis. Ambos eram vienenses, médicos, estudaram na mesma Universidade, eram de família judaica e suas escritas abordavam temas relacionados à sexualidade, Eros e Thânatos. Ao considerar Schnitzler o seu “*Doppelgänger*”, Freud expressa o seu incômodo ao encontrar alguém com traços idênticos aos seus. Por mais que Schnitzler conteste as teorias freudianas, fica impossível ler suas obras e não remetê-las à Freud. Por mais que ambos sigam um raciocínio diferente, a Psicanálise, a Literatura e alguns de seus temas mais caros (sexualidade, erotismo, vida e morte) são os elos que unem esses dois austríacos.

Estabelecemos a relação entre eles a partir da obra “O Duplo” (1925) de Otto Rank, na qual o autor discorre sobre a questão do duplo, que pode ir além da criação de um clone físico. E, também, inserimos as afirmações de Tavares (2007), obra essa em que o autor descreve a relação entre os dois autores e suas escritas. Com isso, poderíamos afirmar que essas semelhanças entre Freud e Schnitzler poderiam ser uma coincidência do destino?

Nas obras “*Traumdeutung*” (1900) e “*Traumnovelle*” (1926) observamos que o sonho é o elemento que move as duas obras. Podemos afirmar, também, que há outros elementos que as ligam: a medicina, a relação “doutor x paciente” e a procura pela cura das feridas internas. O diálogo entre essas duas obras fomentam um diálogo indireto, por mais que elas abordam o mesmo assunto.

A questão da “realidade *versus* sonho” na *Traumnovelle* (1926) é algo que implica bastante na compreensão dos fatos. Schnitzler amálgama os momentos reais aos surreais de uma maneira inexplicável. Fridolin delira e, devido a este desgaste mental, ele não consegue

distinguir se o que está vivendo é verdade ou é apenas “um sonho”. Ao contrário de Fridolin, sua esposa Albertine mostra-se determinada em relação aos seus desejos. Entretanto, por mais que o encerramento da obra seja esperançoso, será que os personagens seguirão praticando os mesmos atos libidinosos no futuro? Portanto, o final deixado por Schnitzler fica aberto à interpretação, pois não sabemos se realmente tudo aquilo foi apenas um sonho em uma noite conturbada.

A *Traumdeutung* (1900) é um obra que nos direciona para o caminho da interpretação do(s) sonho(s), assim como nos apresenta o “inconsciente”. Neste trabalho Freud destrincha estes fenômenos psíquicos, guiando-se pela ideia de que os sonhos são a realização de desejos. É uma obra composta por relatos de sonhos dos pacientes de Freud, o que traz para a obra um traço estilisticamente literário. Freud interessa-se apenas com o conteúdo manifesto do paciente. Assim, a riqueza dos relatos escritos por Freud acabam aproximando-o da literatura.

8. Referências Bibliográficas

AMARAL, Mônica G.T. **Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade: Um texto perdido em suas sucessivas edições?** Psicologia USP, São Paulo: v.6, n. 2, p.63-84, 1995.

CARPEAUX, Otto Maria. **A História concisa da Literatura Alemã.** 1ª ed. São Paulo: Faro Editorial, p. 179-180, 2013.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental.** Volume único digital. São Paulo: Editora Leya / Livraria Cultura, p. 1037-1038, 2011.

CUNHA, Marcus Vinícius. **Freud: Psicologia da Educação.** Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

FREUD, Sigmund. Título Original: *Die Traumdeutung* (1900). **A interpretação dos Sonhos;** Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. 20ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

FREUD, Sigmund. **O Inquietante** (1919). Publicado em **Histórias de uma Neurose Infantil ("Homem dos Lobos")**, além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, p.329-376, 2010.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos** (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. Vol. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente** (1905). Tradução de Paulo César de Souza. Vol. 7. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros trabalhos** (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JORGE, Marco A. Coutinho; FERREIRA, Nádya P. **Freud, criador da Psicanálise.** 3ª. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

GAY, Peter. **O Século de Arthur Schnitzler: A Formação da Cultura da Classe Média 1815-1914.** Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, p. 56-99, 2002.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GUILLEY, Rosemary. *Harper's encyclopedia of mystical and paranormal experience.* 1ª ed. Nova Iorque: HarperCollins, p. 116-167, 1991.

LEAL, Alice. **Arthur Schnitzler e a Linguagem na Ficção** – Revista Versalete. Curitiba: Vol. 5, nº 8, p.312-332, 2017.

MÜLLER-SEIDEL, Walter. “*Doppelgänger: Arthur Schnitzler und Sigmund Freud*” Literaturkritik.de, 2019. Disponível em: <https://literaturkritik.de/doppelgaenger-arthur-schnitzler-und-sigmund-freud_26005.html> Acessado em 11 de janeiro de 2023.

Österreichische Mediathek. *1918–1922: Gründungsjahre der Republiken: Österreich und Tschechoslowakei*. Austria: Österreichische Mediathek. Disponível em: <[Österreichische Mediathek](#)> Acessado em 11 de janeiro de 2023.

SCHNITZLER, Arthur. Título Original: *Traumnovelle* (1926) – **Breve Romance de um Sonho**; Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

SCHNITZLER, Arthur. Título Original: *Der Reigen* (1900) – **La Ronde**; Tradução de Eric Bentley. Washington: Continuum, 1982. Disponível em: <https://depts.washington.edu/vienna/documents/Schnitzler/Schnitzler_la_ronde.htm> Acessado em 10 de janeiro de 2023.

SCHNITZLER, Arthur. Título Original: *Leutnant Gustl* (1900) – **O Tenente Gustl**; Tradução de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

Studyflix. *Eisbergmodell*. Alemanha: Studyflix, 2021. Disponível em: <[Eisbergmodell • Kommunikationsmodell, Freud · \[mit Video\] \(studyflix.de\)](#)>. Acessado em 09 de janeiro de 2023.

SUSEMIHL, Elsa V. K. Post. **Interpretação dos sonhos, sem fim**. Jornal de Psicanálise. São Paulo: Vol. 50 (93), p.111-126, 2017.

TAVARES, Pedro Heliodoro M. B. **Freud e Schnitzler: Sonho Sujeito ao Olhar**. 1ª.ed. – São Paulo: AnnaBlume, 2007.

The Victorian Web. *Sigmund Freud: An Annotated Chronology, 1856-1939*. Estados Unidos: 2021. Disponível em: <[Sigmund Freud: An Annotated Chronology, 1856-1939 \(victorianweb.org\)](#)>. Acessado em 12 de janeiro de 2023.

RANK, Otto. Título Original: *Der Doppelgänger. Eine Psychoanalytische Studie*. Leipzig / Wien / Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag (1925) – **O Duplo**. Tradução de Érica Sofia L.F. Schultz (coord.), Fernanda Scheerent, Jorge J. Jankus, Mauni Oliveira, Miriam Inês Welker e Théo Amon. Porto Alegre, Editora Dublinense, 2014.

8.1 Filmografia

TRAUMNOVELLE. Direção: Wolfgang Glück. Áustria, 1969.

EYES WIDE SHUT (De Olhos bem Fechados). Direção: Stanley Kubrick. Estados Unidos, 1999.

DER STUDENT VON PRAG (O Estudante de Praga). Direção: Hanns Heinz Ewers e Paul Wegener. Alemanha, 1913.

LA RONDE (A Ronda). Direção: Max Ophüls. França, 1950.

9. Anexos

9.1 Carta de Freud a Schnitzler (1922)

Agora o senhor também completou 60 anos, ao passo que eu, seis anos mais velho, estou chegando ao limite da vida e espero breve ver o fim do quinto Ato dessa comédia algo incompreensível e nem sempre divertida. Se eu tivesse conservado um vestígio de fé na “onipotência dos pensamentos”, não hesitaria hoje em mandar-lhe votos os mais sinceros e cordiais para os anos que o esperam. Deixarei este gesto ingênuo para o grande número dos seus contemporâneos que se recordarão do senhor no dia 15 de maio.

Mas farei uma confissão que, para o meu bem, devo pedir-lhe que não transmita nem partilhe com amigos nem com estranhos. Sempre me atormenti com a pergunta sobre a razão por que em todos esses anos nunca procurei conhecê-lo nem conversar com o senhor (ignorando é claro, a possibilidade de que a minha tentativa não fosse bem recebida pelo senhor).

A resposta contém uma confissão que me parece íntima demais. Acho que evitei o senhor por causa de uma espécie de relutância em conhecer o meu sócia. Não que eu me incline facilmente a identificar-me com outrem, ou que pretenda fazer pouco da diferença de talento que me separa do senhor, mas todas as vezes em que me absorvo profundamente nas suas belas criações pareço sempre encontrar sob uma superfície poética os mesmos pressupostos, interesses e conclusões que alimento. Seu determinismo, assim como seu ceticismo – o que em geral se considera pessimismo –, sua preocupação com as verdades do inconsciente e com os impulsos instintivos do homem, a dissecação que o senhor faz dos dogmas em que se fundem as convenções e a cultura, a insistência das suas reflexões sobre a polaridade do amor e da morte, tudo isso me comoveu com inquietante familiaridade. (Em livrinho chamado Além do Princípio do Prazer, publicado em 1920, procurei revelar o Eros e o instinto de morte como as forças motrizes cuja interação domina todos os mistérios da vida). De modo que criei a impressão de que o senhor sabe, pela intuição – ou, antes, em virtude de minuciosa auto-observação –, tudo o que eu descobri mediante laborioso trabalho em outras pessoas. De fato creio que, fundamentalmente, a sua natureza é de um explorador das profundezas psicológicas, honestamente imparcial e destemido como ninguém e que, se este não fosse o seu modo de ser, seus dons artísticos, seu talento para expressar-se e seu poder criador teriam tido toda a liberdade, transformando-o em um escritor de grande atração para o gosto do povo. Minha preferência é pelo explorador, porém perdoe-me por desviar-me para a psicanálise: não posso evitá-lo. E sei que psicanálise não é o caminho para se conseguir popularidade.

Cumprimentos muito sinceros do seu Freud.

(Viena, 1922)

Fonte: Formação Freudiana. Disponível em:

<<https://www.freudiana.com.br/destaques-home/cartas-de-sigmund-freud-a-arthur-schnitzler.html>> Acessado em 11 de janeiro de 2023.

9.2 Relato de sonho: Albertine

(Em Schnitzler, *Breve Romance de um Sonho*, p.42-46)

Tradução de Sergio Tellaroli

“Pois meu sonho começou assim, eu entrando nesse quarto, vinda não sei de onde... como uma atriz entrando em cena. Só sabia que meus pais estavam viajando e haviam me deixado sozinha. Aquilo me causou admiração, pois nosso casamento era no dia seguinte. Mas o vestido de noiva ainda não chegara. Ou será que eu estava enganada? Abri o guarda-roupa a fim de verificar, e, em vez do vestido de noiva, toda uma coleção de outras roupas pendia dos cabides: fantasias, na verdade, como figurinos de ópera, trajes suntuosos, orientais. Qual devo vestir para o casamento?, pensei. Então, o guarda-roupa fechou-se repentinamente, ou sumiu, não sei mais. O quarto estava bastante claro, mas, lá fora, diante da janela, era noite escura... E, de súbito, ali estava você, escravos remando uma galera o haviam trazido, ainda podia vê-los desaparecendo na noite. Você estava vestido com muito luxo, em ouro e seda, tinha um punhal com pingentes de prata de um dos lados e me levantou e puxou para fora pela janela. Também eu vestia agora trajes magníficos, como uma princesa, estávamos ambos ao ar livre sob uma luz crepuscular, e uma névoa fina e cinza nos envolvia até os tornozelos. Era o mesmo lugar bem conhecido: lá estava o lago, a paisagem montanhosa à nossa frente, podia ver as casas de campo também, que pareciam saídas de uma caixa de brinquedos. Nós dois, porém, você e eu, pairávamos, não, voávamos por sobre a névoa, e eu pensei comigo: então esta é nossa viagem de núpcias. Mas logo não voávamos mais, seguíamos por um caminho na floresta, aquele que leva até Elisabethhöhe, e de repente nos vimos bem no alto da montanha, numa espécie de clareira cercada de três lados por floresta, enquanto, às nossas costas, uma íngreme parede rochosa erguia-se nas alturas. Sobre nossa cabeça, um céu estrelado, de um azul e de uma amplitude inexistentes na realidade, e esse céu era o teto de nosso quarto nupcial. Você me tomou nos braços e me amou muito.”

“Mas, como posso explicar... apesar desse nosso mais íntimo abraço, havia muita melancolia em nossa ternura, como se pressentíssemos um sofrimento já determinado. De repente, amanheceu. A relva mostrava-se iluminada e colorida, a floresta ao redor, deliciosamente orvalhada, e, no alto da parede rochosa, tremulavam raios de sol. Nós dois tínhamos então de voltar ao mundo, ao convívio das pessoas, estava mais do que na hora. Mas algo terrível acontecera: nossas roupas tinham sumido. Um pavor sem igual tomou conta de mim, uma pungente vergonha que chegava a aniquilar-me em meu íntimo, e, ao mesmo tempo, sentia raiva de você, como se você fosse o único culpado daquela desgraça; e a violência de tudo isso — pavor, vergonha, raiva — não se comparava a nada que, desperta, eu já tenha alguma vez sentido. Você, porém, consciente de sua culpa, precipitou-se lá para baixo, nu como estava, a fim de arranjar-algumas roupas. E, assim que você desapareceu, eu me senti bastante aliviada. Não sentia pena de você, nem estava preocupada: contente por estar sozinha, corria feliz pelos campos e cantava. Cantava a melodia de uma dança que ouvimos no baile de máscaras. Minha voz soava belíssima, e eu desejei que me ouvissem lá embaixo, na cidade. Essa cidade eu não via, mas sabia dela. Ficava muito abaixo de onde eu me achava,

e era circundada por altas muralhas; uma cidade fantástica, sou incapaz de descrevê-la. Não era oriental, tampouco propriamente uma cidade alemã antiga, mas, ora uma coisa, ora outra, e, de qualquer forma, uma cidade esquecida fazia muito tempo, e para sempre. Eu, porém, logo estava deitada na grama, sob o brilho do sol... muito mais bonita do que jamais fui de verdade, e, enquanto me encontrava deitada ali, um cavalheiro saiu da floresta, um jovem homem vestindo um terno claro e moderno, parecia-se um pouco — sei agora — com o dinamarquês sobre o qual contei ontem a você. Seguiu seu caminho, cumprimentou-me bastante gentil ao passar por mim, mas não me deu maior atenção, foi direto rumo à parede rochosa, contemplando-a cuidadosamente, como se refletisse sobre como vencê-la. Ao mesmo tempo, eu via você também. Na cidade esquecida, você corria de casa em casa, de loja em loja, ora debaixo de arcadas, ora por uma espécie de bazar turco, comprando para mim as coisas mais belas que conseguia encontrar: vestidos, roupa de baixo, sapatos, jóias; e tudo isso você ia enfiando numa pequena valise amarela de couro onde cabia tudo. O tempo todo, contudo, você era perseguido por uma multidão que eu não via, apenas ouvia a gritaria abafada e ameaçadora. Então, o outro reapareceu, o dinamarquês que havia se postado diante da parede rochosa. De novo, ele veio da floresta em minha direção... e eu sabia que, naquele meio-tempo, ele vagava pelo mundo todo. Seu aspecto era agora diferente do de antes, mas era ele mesmo. Como da primeira vez, permaneceu defronte à parede rochosa, desapareceu de novo, tornou a surgir da floresta, desapareceu, voltou; isso se repetiu duzentas, trezentas vezes. Era sempre ele, e sempre um outro, cumprimentando-me a cada vez que passava por mim, até que afinal se deteve na minha frente, contemplou-me, examinou-me, e eu ri sedutora, como jamais ri na vida; ele estendeu os braços para mim, e agora eu queria fugir, mas não consegui... ele se deitou na grama comigo.”

“Na verdade, essas coisas mal se deixam exprimir em palavras. Enfim... era como se eu estivesse vivendo dias e noites inumeráveis, não existia tempo ou espaço, e eu não estava mais na clareira cercada de floresta e rocha, e sim numa ampla planície colorida por flores, estendendo-se infinitamente até perder-se no horizonte. Ademais, fazia tempo — estranho esse ‘fazia tempo’ — que eu já não me encontrava sozinha com aquele homem na grama. Mas se, além de mim, havia ali ainda três ou dez ou mil casais, se eu os via ou não, se pertencia apenas a um ou a vários, não saberia dizer. Assim como, porém, aquele sentimento anterior de pavor e vergonha superava em muito tudo quanto se possa imaginar acordado, também o relaxamento, a liberdade e a felicidade que senti nesse sonho decerto não têm paralelo em nossa existência consciente. E, nele, não esqueci você por um só minuto. Sim, pois eu o via, vi você ser agarrado por soldados, creio, e havia padres também; alguém, um homem gigantesco, amarrou suas mãos, e eu sabia que você acabaria sendo executado. Sabia e não sentia compaixão ou temor, sabia-o de uma forma inteiramente distanciada. Você foi levado para um pátio, como se fosse o pátio de um castelo. E lá estava agora, nu, as mãos atadas às costas. E, assim como eu o via, embora estivesse em outro lugar, você me via, e ao homem que me tinha nos braços, e a todos os outros casais, aquela torrente infindável de nudez a circundar-me, e da qual eu e o homem a me abraçar constituíamos apenas uma onda, por assim dizer. Enquanto você se achava ali, de pé no pátio, uma jovem mulher apareceu no arco de uma janela lá no alto, entre cortinas vermelhas, um diadema na cabeça vestindo um manto púrpureo. Era a princesa do lugar. Voltou os olhos para baixo, para você, com um olhar severo

e inquiridor. Você estava sozinho; os outros, e eram muitos, mantinham-se afastados, encostados nas muralhas; ouvi um murmúrio, um cochichar traiçoeiro e ameaçador. Então, a princesa debruçou-se no parapeito da janela. Houve silêncio, ela fez um sinal, como se ordenasse a você que subisse até ela, e eu sabia que ela estava decidida a perdoá-lo. Contudo, você não se deu conta do olhar dela, ou não quis percebê-lo. De repente, ainda e sempre com as mãos atadas, mas envolto agora num manto preto, você estava diante dela; não em um aposento qualquer, mas ao ar livre, como se estivesse flutuando. A princesa tinha um pergaminho nas mãos, sua sentença de morte, no qual estavam registradas também sua culpa e as razões da sua condenação. Perguntou — não ouvi as palavras, mas sabia assim mesmo — se você se dispunha a se tornar seu amante, caso em que a pena de morte seria revogada. Com a cabeça, você disse não. Não me espantei, pois era perfeitamente natural, e nem podia ser de outra maneira, que você, correndo todos os riscos, se mantivesse fiel a mim por toda a eternidade. A princesa encolheu os ombros, acenou para o vazio, e, num instante, você estava num porão embaixo da terra, chicotes zunindo em direção a seu corpo, sem que eu pudesse ver as pessoas que os brandiam. Riachos de sangue escorriam por seu corpo, eu podia vê-los, tinha consciência de minha crueldade, mas ela não me surpreendia. Então, a princesa aproximou-se de você. Os cabelos dela estavam soltos, desciam pelos ombros nus; com as duas mãos, ela estendeu o diadema para você... e eu sabia que ela era a menina da praia dinamarquesa, aquela que você tinha visto numa certa manhã, no terraço de uma cabine de banho. Ela não disse palavra, mas o sentido de sua presença ali, de seu silêncio, era saber se você desejava tornar-se seu marido e, portanto, o príncipe do lugar. Como você negasse outra vez, ela desapareceu de repente, e eu logo pude ver uma cruz sendo erguida para você... não, não no pátio do castelo, mas na infinda pradaria coberta de flores em que eu repousava nos braços de um amante, em meio a todos os outros casais. Vi você fugir sozinho por ruas antiqüíssimas, sem ninguém a vigiá-lo, mas eu sabia que seu caminho já fora traçado, que a fuga era impossível. Você subia pela trilha na floresta, montanha acima. Eu o esperava ansiosa, sem qualquer compaixão, porém. Seu corpo se cobrira de vergões, mas eles já não sangravam. Você subia cada vez mais, a trilha fez-se mais larga, a floresta ia ficando para trás, à esquerda e à direita, e agora lá estava você à beira da pradaria, a uma distância gigantesca, inimaginável. E, no entanto, você me cumprimentou com os olhos sorridentes, como se sinalizasse que havia satisfeito o meu desejo e me trazido tudo de que eu precisava: vestidos, sapatos e jóias. Eu, porém, achei seu comportamento tolo e insensato, sentia vontade de zombar de você, de rir na sua cara... e justamente pelo fato de, por fidelidade a mim, ter recusado a mão de uma princesa, suportado torturas e, agora, cambaleando até ali, rumo a uma morte terrível. Corri em sua direção, também você pôs-se a caminhar cada vez mais rápido... comecei a flutuar, e você também flutuava no ar; mas, de repente, havíamos nos perdido, e eu soube que tínhamos voado ao largo um do outro. Desejei, então, que você ao menos ouvisse minha risada enquanto o pregavam na cruz. E gargalhei tão agudo e tão alto quanto pude. E foi rindo assim que acordei.”

9.3. Relato de sonho: “A injeção de Irma”, por Freud

(Em Freud, A Interpretação dos Sonhos, p. 113-114)

Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira.

Sonho de 23-24 de julho de 1895

“Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! Se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... isto está me sufocando.” Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistência, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que na verdade não havia necessidade de ela fazer aquilo. Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou [...] O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado. [...] Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.” Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apesar do vestido.) [...] M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.” [...] Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicou uma injeção de um preparado de propil, própolis... ácido propiônico... trimetilamina (e eu vi diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres). [...] Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada. [...] E, provavelmente, a seringa não estava limpa.”